

criação e crítica

LITERATURA E DEVIR NA SALA DE AULA: "EPIPHANY OF KNOWING" EM STONER (1965), DE JOHN WILLIAMS

Letícia Costa Feiteira¹

Resumo: Este artigo propõe uma análise do processo de transformação da personagem William Stoner, protagonista do romance *Stoner* (1965), de John Williams, a partir do inquietante contato com a disciplina de literatura na universidade. Nascido sob as imposições do trabalho e oriundo de uma família marcada pela vida rústica do campo, Stoner enxerga na oportunidade de estudar Ciências Agrárias a ascensão que possibilitaria uma melhor condição para o futuro de sua família. Contudo, a descoberta da literatura, através do encontro decisivo com o professor Archer Sloane, reestrutura a trajetória da personagem, conduzindo-a a uma nova percepção da realidade, esta não mais marcada pelo utilitarismo que o alienava da fruição da vida. À luz da concepção freiriana de *educação libertadora* (1985), na qual o ato da pergunta instaura a construção conjunta do saber, e da visão de literatura como uma experiência longe de ser "inofensiva", de Antonio Candido (1988), busca-se examinar o momento da *travessia* no romance: a leitura do soneto 73, de Shakespeare, em sala de aula, e a interpelação de Sloane, cujos desdobramentos farão Stoner descobrir a existência de algo – espécie de chave – que pode ser alcançado para dar sentido à literatura e, por extensão, à vida.

Palavras-chave: *Stoner*; John Williams; Literatura.

LITERATURE AND BECOMING IN THE CLASSROOM: THE EPIPHANY OF KNOWING IN STONER (1965), BY JOHN WILLIAMS

¹ Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa/DLCV/FFLCH-USP, com um estudo sobre o romance "A caverna", de José Saramago. Possui graduação em Letras, com bacharelado e licenciatura em Português e Inglês, pela mesma instituição. Tem experiência na área de Letras Português/Inglês, com ênfase em Literatura. Realizou duas Iniciações Científicas: uma na área de Filologia, com foco na transcrição e análise de manuscritos lavrados no estado de São Paulo, nos sécs. XVIII e XIX, de 2013 a 2015; e a segunda na área de Literatura Portuguesa que compreendeu o estudo de obras de José Saramago, sob a perspectiva da cegueira e do exílio presentes nas narrativas, durante os anos de 2016 a 2017. E-mail: leticia.feiteira@gmail.com

CRIAÇÃO E CRÍTICA

Abstract: This article proposes an analysis of the transformation process faced by the character William Stoner, the protagonist of *Stoner* (1965), by John Williams, based on his disturbing contact with Literature at university. Born under the impositions of work in his family's farm, Stoner sees in the opportunity of studying Agricultural Sciences a way of providing a better future for his parents. However, the discovery of Literature, through a decisive encounter with Professor Archer Sloane, restructures the character's trajectory, leading him to a new perception of reality, no longer marked by the utilitarianism that alienated him from the enjoyment of life. In light of Paulo Freire's conception of *educação libertadora* (1985), in which the act of asking questions establishes a community construction of knowledge, and Antonio Candido's (1988) view of Literature as an experience that is far from being "harmless", we seek to examine the moment of Stoner's transformation in the novel: the reading of Shakespeare's sonnet 73 in class, and Sloane's questioning, which will make Stoner discover the existence of something – a kind of key – that can be achieved to give meaning to Literature and, by extension, to life.

Keywords: *Stoner*; John Williams; Literature.

"(...) eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome"

Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa

"O horizonte no qual se inscreve a obra literária é a verdade comum do desvelamento ou, se preferirmos, o universo ampliado ao qual se chega por ocasião do encontro com um texto narrativo ou poético."

A Literatura em Perigo, Tzvetan Todorov

Diante de uma audiência que se abarrotava até diante de telões para acompanhar a aula inaugural de sua cátedra de literatura no Collège de France, Antoine Compagnon abre sua fala, intitulada "Literatura para quê?". Em tom de nostalgia, o crítico e professor francês confessa-se tomado pela mesma *agitação* que o arrebatara ao atravessar pela primeira vez as portas daquele prédio. Ao sabor da anedota pessoal, ele prossegue elencando os mestres cujos cursos assistira

criação e crítica

40

enquanto, paralelamente, se formava engenheiro, percorrendo uma galeria invejável de nomes como Roman Jakobson, Michel Foucault e Roland Barthes. Compagnon conduz sua aula plantando perguntas – muitas delas sem resposta imediata – que são a força motriz da reflexão, a começar pelo próprio título. A primeira indagação "Pude refazer-me dessa visita?" revela nas entrelinhas como a formação na faculdade de humanidades promoveu a demolição de algo em seu interior que jamais pôde se refundir. Ele atribui, então, ao ensino do Collège a aceleração de sua "conversão tardia das ciências para as letras" (Compagnon, 2009, p. 10). Esse *topos* da descoberta de si por meio da experiência em sala de aula é um dos motivos centrais do romance *Stoner* [1965], do norte-americano John Williams, no qual um contato decisivo com a literatura desencadeia na personagem William Stoner uma nova consciência de si que culminará na mesma conversão vivida por Compagnon.

O romance de Williams se abre com um *incipit*, à primeira leitura, desconcertante. O leitor tem diante de si o sumário da vida de uma personagem comum, cuja trajetória é destituída de grandes acontecimentos e da qual o fim será o esquecimento absoluto: "para os mais velhos, o seu nome é um lembrete do fim que aguarda a todos, e para os mais jovens é só um som que não evoca nenhuma sensação do passado" (Williams, 2015, p. 8). Diante de um início que se assemelha a uma lápide, o que restará após conhecermos a vida de William Stoner? Ademais, o leitor pode se perguntar: qual o segredo de um romance praticamente esquecido poucos anos depois de seu lançamento e que um *revival* nos anos 2000 alçou ao posto de *best-seller*?

Nascido sob as imposições do trabalho no campo, Stoner cresceu moldado para suportar a vida e não para vivê-la integralmente. Cercado por uma família resignada a viver para a terra que lhes dá o sustento, quando o jovem tem a oportunidade de ir para a universidade, ele vislumbra uma ascensão que possibilitaria uma melhor condição para a família. Contudo, a trajetória não é linear como a expectativa do jovem, e o primeiro embate se dá quando ele começa a cursar uma disciplina obrigatória fora de sua área de estudo: "O curso de Química dos Solos atraiu seu interesse de um modo geral (...) e começou a intuir que um melhor conhecimento deles poderia ser útil quando voltasse à fazenda de seu pai. Mas foi o curso de Introdução à Literatura Inglesa que lhe causou mais problemas e o inquietou mais do que qualquer coisa até então" (Williams, 2015, p. 15). A inquietação proporcionada pela nova disciplina reside no contraste que ela proporciona em relação ao universo familiar a Stoner, pois o novo objeto de estudo resiste ao enquadramento utilitário ao qual ele costumava compreender o funcionamento das coisas. Decorar nomes de

criação e crítica

40

autores, datas e influências se mostra insuficiente para o desempenho nos estudos literários, pois, apesar de seu afincio, "as palavras que lia não passavam de meros caracteres impressos nas páginas, e ele não conseguia ver sentido nenhum no que fazia" (Williams, 2025, p. 15).

Diante desse embate, vem a propósito recorrer à reflexão de Antonio Candido, em seu ensaio tão conhecido quanto necessário, "O direito à literatura", no qual ele assinala que a experiência da literatura está distante de ser uma "experiência inofensiva", especialmente em vista da *complexidade* de sua natureza (Candido, 2004, p. 176-176). O poder humanizador da literatura está justamente em deslocar o sujeito, desnudar as contradições e, quiçá, proporcionar um despertar para quem entra em contato com ela. Além disso, é relevante destacar que o *intellectual awakening*² é um procedimento recorrente nos enredos de romances acadêmicos³, vertente na qual *Stoner* se insere. John Lyons, em seu estudo *The College Novel in America* [1962], examina enredos nos quais – em uma espécie de aproximação com as categorias *Bildungsroman* e *Künstlerroman*⁴ – os protagonistas experienciam o despertar intelectual durante a trajetória universitária. Contudo, o autor sublinha a existência de uma vertente crítica à academia, a qual retratava descobertas que aconteciam fora da sala de aula, representando um desencantamento diante do que era ensinado. Como se a vida para além das paredes da sala pudesse ensinar mais do que as disciplinas acadêmicas. Em contraste, há o que acontece com *Stoner*.

Retornando às indagações de Compagnon, o teórico francês recupera um argumento de Proust, citado por Italo Calvino, para ponderar sobre a utilidade da literatura na atualidade:

Há realmente coisas que só a literatura pode nos oferecer? A literatura é indispensável, ou ela é substituível? (...) A realização de si, julgava Proust, acontece não na vida mundana, mas pela literatura, não somente para o escritor que se consagra a ela inteiramente, mas também para o leitor que ela emociona (Compagnon, 2009, p. 24).

² Cf. Lyons, 1962, p. 28.

³ *Academic novels*, segundo a definição de Jeffrey Williams (2012), é a nomenclatura utilizada para romances que retratam acadêmicos, mas cuja ação não está necessariamente confinada ao *campus* universitário. Já em relação às temáticas, essas narrativas apresentam as dificuldades desses adultos no casamento e no lar, assim como no ambiente de trabalho, produzindo enredos acerca de uma dita *mid-life crisis* (WILLIAMS, 2012, p. 561-562).

⁴ Trata-se de uma classe que se irmana ao romance de aprendizagem, mas que lida, sobretudo, com o desenvolvimento de um indivíduo que se tornará um artista.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

Em associação a essa passagem, vem a propósito examinar o episódio crucial que culminará na transformação de William Stoner durante uma aula de literatura. Nas cenas em torno do curso de Introdução à Literatura Inglesa, o jovem é constantemente retratado com uma postura apreensiva: "ele ponderava as palavras que Archer Sloane falava na aula, como se, sob seu significado aparentemente banal, pudesse se esconder uma chave que o levaria para onde deveria ir" (Williams, 2015, p. 16). A figura escusa do professor, por sua vez, parece alheia às reações dos alunos. Todavia, Sloane é responsável por disparar o gatilho do processo em Stoner quando, após uma leitura emocionada do soneto 73 de Shakespeare – "como se as palavras, os sons e ritmos tivessem se tornado por um momento ele mesmo" (Williams, 2015, p. 17) –, ele lança a crua pergunta à turma: "O que esse soneto significa?" (Williams, 2015, p. 17). Diante do silêncio sepulcral, ele dirige a inquirição para Stoner. Esse é o momento, portanto, da *travessia*: a aproximação perturbadora com a arte que afeta a personagem. Curiosamente, a epifania experimentada por ele parece residir no reconhecimento de um "não-conhecimento", sobretudo. Stoner descobre a existência de algo – essa "chave" – que pode ser alcançado para dar um sentido à literatura e, por extensão, à vida. Apesar da insistência do mestre, o jovem gagueja e não consegue formular sua réplica.

Após deixar a sala de aula, Stoner já se encontra *alheio* ao mundo utilitário, pois, ao observar a paisagem de outono e os estudantes pelo *campus*, ele sente uma curiosidade nova e percebe o entorno como se visto pela primeira vez. A aproximação com a arte promove a perda do conforto e a reconfiguração do seu olhar ao que lhe era familiar. Evocando Compagnon, Stoner poderia se perguntar: "Pude me refazer dessa aula?".

Estamos diante da tal *realização de si*, de Proust, a qual se identifica com a *humanização* concebida por Candido, cujo fator indispensável, a seu ver, é justamente a literatura. Inclusive, uma das primeiras mudanças evidenciadas no comportamento da personagem é a reivindicação do seu tempo, antes sufocado pelas tarefas que executava como inquilino do casal Foote, e que culmina no abandono do curso de Ciências Agrárias pela carreira em Letras. Portanto, evidencia-se como a experiência estética desperta também no rapaz uma nova atitude de fruição da vida. Um aprofundamento da transformação da personagem se efetua quando Sloane, o qual se torna uma espécie de orientador-mentor, revela a ele o seu destino como professor:

criação e crítica

40

Sloane se inclinou até seu rosto ficar bem perto. Stoner viu as rugas do rosto magro e comprido se suavizarem, e ouviu a voz seca e zombeteira tornar-se gentil e desguarnecida. “Mas você não entendeu, Sr. Stoner?” perguntou Sloane. “Você ainda não entendeu mesmo? Você vai ser professor.”

De repente Sloane pareceu muito distante, e era como se as paredes do escritório tivessem recuado. Stoner teve a sensação de estar em pleno ar, e ouviu sua voz perguntar:

“O senhor tem certeza?”

“Tenho”, respondeu Sloane suavemente.

“Como o senhor sabe? Como pode ter certeza?”

“É amor”, disse Sloane animado. “Você se apaixonou. É só isso.”

(Williams, 2015, p. 31)

Stoner é, portanto, um professor em devir. Entretanto, no início de sua carreira, o senso de inadequação entranhado na personagem faz com ele se sinta incompatível com o ofício por não conseguir transpor o “abismo” entre o apreço que sentia pela matéria ensinada e aquilo que ele conseguia efetivamente comunicar em sala de aula⁵:

Esperara que o tempo e a experiência preenchessem tal abismo, mas isso não aconteceu. Os assuntos que ele mais profundamente conhecia eram os mais profundamente traídos quando falava deles para suas classes. O que antes pulsava com vida fenecia logo nas palavras, e o que mais o comovia ficava frio assim que o pronunciava.

(Williams, 2015, p. 126)

O professor elabora a experiência como uma traição à literatura. Stoner se sente encenando uma farsa, na qual seria preciso vestir uma máscara que encobrisse – ou talvez protegesse – seus verdadeiros sentimentos. Porém, esse teatro não se

⁵ Vem a propósito lembrar que um dos efeitos da barbárie experimentada na Primeira Guerra Mundial, segundo o filósofo Walter Benjamin no ensaio “O narrador”, é, justamente, a incomunicabilidade. Diante do contexto sócio-histórico do pós-guerra, Benjamin examina a crise da arte de contar, surgida em razão das “condições” para sua realização, assim como para a transmissão de experiência (*Erfahrung*), estarem cada vez mais raras na sociedade capitalista moderna: “Não se notou, ao final da guerra, que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha; não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável? E o que se derramou dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca” (Benjamin, 2012, p. 214).

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

sustenta durante muito tempo e o protagonista passa a apresentar "rompantes" em sala de aula, isto é, momentos de "excessiva familiaridade com a sua matéria". Disso decorre um crescente interesse dos alunos, seja para conversas após as aulas ou pelo notório entusiasmo criativo nos trabalhos escritos. Evidenciar a sua vulnerabilidade diante da literatura era impensável para Stoner. Contudo, quando isso acontece é que a sua atuação docente passa a ter efeito sobre os educandos:

O amor pela literatura, pela língua, pelo mistério da mente e do coração mostrando-se nas pequenas, estranhas e inesperadas combinações de letras e palavras, nos caracteres negros e frios impressos sobre o papel, e aquele amor que escondera como se fosse *ilícito e perigoso* começou a expressar-se, *hesitantemente* a princípio, depois *ousadamente*, e por fim *orgulhosamente* Williams, 2015, p. 127, grifos nossos).

O texto literário guarda uma lição do professor Stoner: a atitude fria não mobiliza os alunos, mas quando ele abre uma fresta em sua armadura e deixa escapar o êxtase diante do objeto de ensino, os alunos se sentem tocados. Nota-se como a atitude do docente em relação àquilo que ele ensina influencia diretamente a recepção do aluno. Afinal, como pretendemos transformar através do ensino de literatura sem transparecer como aquilo, de alguma maneira, nos mobiliza?

Interessa-nos ressaltar que John Williams, o autor, foi professor durante décadas, assim como o protagonista do romance. Ele iniciou sua carreira como docente na Universidade do Missouri e, posteriormente, se estabeleceu na Universidade de Denver, onde inclusive foi diretor do programa de escrita criativa. Curiosamente, é possível ler na dedicatória do romance uma espécie de *disclaimer* para os leitores, a fim de evitar a confusão entre sua ficção e o docente empírico:

This book is dedicated to my friends and former colleagues in the Department of English at the University of Missouri. They will recognize at once that it is a work of fiction – that no character portrayed in it is based upon any person, living or dead, and that no event has its counterpart in the reality we knew at the University of Missouri. They will also realize that I have taken certain liberties, both physical and

criação e crítica

historical, with the University of Missouri, so that in effect it, too, is a fictional place (Cf. WILLIAMS, 2006)⁶.

Todavia, é interessante destacar o entrecruzamento entre a experiência biográfica do romancista e temas cruciais retratados no livro. Williams, inclusive, serviu na Força Aérea americana durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao longo do enredo de *Stoner*, acompanhamos a degradação de personagens, de relacionamentos e do próprio contexto sócio-histórico. Pode-se elencar, a título de exemplo, o casamento turbulento com Edith, a perda de familiares e amigos nas Guerras Mundiais, a morte do professor Sloane, as sabotagens efetuadas pelos colegas acadêmicos e o alcoolismo de sua única filha. Em uma narrativa costurada pelos acontecimentos históricos da primeira metade do século XX, o narrador expõe de maneira crua a deterioração que envolve a vida de Stoner: a eclosão da Primeira Guerra:

Duas semanas depois de Stoner receber seu diploma de Bacharelado em Letras, o arquiduque Francisco Ferdinando foi assassinado em Sarajevo por um nacionalista sérvio, e antes do outono a guerra rebentara em toda a Europa. Entre os estudantes era o assunto mais comentado (Williams, 2015, p. 31).

A crise financeira americana: "Em outubro daquele ano, o mercado de ações entrou em colapso, e os jornais locais publicaram matérias sobre Wall Street, sobre fortunas destruídas (...) Stoner estava almoçando no refeitório da universidade quando a notícia chegou" (Williams, 2015, p. 120); a ascensão totalitária na Europa:

Ele tinha consciência das agitações na Europa como um pesadelo distante e, em julho de 1936, quando Franco se rebelou contra o governo espanhol e Hitler atçou essa rebelião, tornando-a uma guerra de verdade, Stoner, como muitos outros, ficou nauseado pela visão daquele pesadelo que irrompia no mundo real (Williams, 2015, p. 241).

⁶ Na tradução de Marcos Maffei (Williams, 2015): "Este livro é dedicado aos meus amigos e ex-colegas do departamento de Inglês da Universidade do Missouri. Eles reconhecerão de imediato que é uma obra de ficção, que nenhum personagem nele retratado se baseia em qualquer pessoa real, viva ou morta, e nenhum evento tem a sua contrapartida na realidade que conhecemos da Universidade do Missouri. Eles também perceberão que tomei certas liberdades, tanto físicas quanto históricas, com a Universidade do Missouri, de modo que efetivamente também ela é um lugar ficcional."

criação e crítica

40

E, por fim, a carga emocional do pós-guerra:

Os anos da guerra toldaram-se num borrão, e Stoner os atravessou como se estivesse atravessando uma tempestade borrascosa e infinita, com a cabeça baixa, os dentes cerrados e a mente fixa no próximo passo, e no próximo, e no próximo. No entanto, apesar de toda a sua resistência estoica e de sua marcha obstinada através dos dias e semanas, era um homem profundamente dividido (Williams, 2015, p. 270).

Em que pesem as turbulências do mundo exterior, a "resistência estoica" da personagem – a qual não se leva por sentimentos efêmeros, não é atraída pelo frenesi das guerras e que não luta por suas paixões – instiga o leitor. Assolado por sentimentos de "indifference" e "numbness", Stoner só busca no amor pela literatura alguma possibilidade de salvação. A atmosfera asfíxiante construída por algumas personagens em torno do protagonista (como a esposa Edith e Lomax, o colega que tenta arruinar sua carreira na universidade) alimenta uma aflição no leitor diante da ausência de reação da personagem. Nessa esteira de análise, a "epifania de conhecimento"⁷ da personagem é tensionada, pois ao passo que ela é positiva e o transforma em um sujeito sensível, também se torna um mecanismo de alienação no mundo dos livros e do trabalho.

Personagem propensa à melancolia, diante de seu desconcerto em relação ao mundo, Stoner se refugia no trabalho acadêmico. O romance retrata, em grande medida, o valor da academia e a sua constante batalha para se resguardar do mundo exterior. Essa perspectiva é reforçada em um importante episódio da narrativa, no qual Masters, Finch (colegas de pós-graduação) e Stoner dialogam sobre a natureza da universidade. As observações mordazes de Masters revelam que Stoner vê a universidade como um refúgio para o mundo exterior, sobretudo. Todavia, ele considera a instituição como "an asylum or –what do they call them now? – a rest home, for the infirm, the aged, the discontent, and the otherwise incompetent" (Williams, 2006, p. 30). Estamos diante de um *topos* da literatura surgido após a Primeira Guerra Mundial: dentre as crises em erupção nos anos 1920 (crise do romance, política, social), as questões acerca do papel do intelectual e da

⁷ "epiphany of knowing", no original (Williams, 2006, p. 98).

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

universidade vêm na esteira dessas crises advindas do abalo da guerra. Na literatura, romances como *To the lighthouse* [1927], de Virginia Woolf, com a personagem Sr. Ramsay, e *Point counter point* [1928], de Aldous Huxley, com Philip Quarles, retratam a instabilidade dessas figuras diante das convulsões históricas. Em *Stoner*, Archer Sloane enfrenta o "desencantamento" de seu olhar pela violência de um contexto histórico que ameaça a construção de algo, na academia, ao qual ele se dedicara ao longo da vida. Surge, a partir de então, a ideia da universidade como refúgio. Contudo, apesar do viés satírico atribuído pela crítica à ficção universitária, a quixotesca empreitada de Stoner para preservar a academia e, por associação, a arte dos valores corrompidos do mundo não nos leva ao riso.

À procura da compreensão do entorpecimento da personagem, é possível examinar *Stoner* pelas lentes do próprio soneto 73, de Shakespeare. Em resumo, no soneto, um eu-lírico no fim da vida se dirige a um sujeito mais jovem e através de três metáforas – o outono, o crepúsculo e as cinzas após o fogo – tematiza a passagem do tempo e a brevidade da vida. Os dois últimos versos⁸, em especial, enfatizam a força e a importância do amor diante da efemeridade da existência. A conclusão é uma espécie de conforto inesperado: devemos amar intensamente, pois tudo acabará um dia. A partir dessa leitura, o texto de Shakespeare, presente na epifania determinante do enredo, lança luz no desfecho do próprio protagonista. Em seu leito de morte, a iminência do fim o apazigua e proporciona outra espécie de *anagnorisis* para a personagem:

Uma suavidade o envolveu, e uma languidez se insinuou em seus membros. Uma sensação de sua própria identidade lhe veio com uma força súbita, e ele sentiu o poder dela. Ele era ele mesmo, e ele sabia quem tinha sido. Sua cabeça se virou. O criado-mudo estava cheio de livros que ele não tocava fazia muito tempo. Deixou sua mão brincar sobre eles (...) Sentiu a energia dentro deles, e os deixou pegar um livro da pilha em cima da mesa. *Era o seu próprio livro* que buscava e, quando a mão o segurou, ele sorriu para a familiar capa vermelha, que estava já descorada e gasta pelo tempo (Williams, 2015, p. 305, grifos nossos).

O protagonista encontra a serenidade, e não a angústia como os heróis das tragédias, ao compreender que, após o apagar da chama da vida, o seu livro permaneceria no

⁸ Os quais o professor Sloane lê duas vezes durante a famigerada aula.

CRIAÇÃO E CRÍTICA

40

mundo. Em suma, a consciência da finitude intensifica o seu amor por ele, tal como evoca os versos shakespearianos: "No último leito onde ela vai morrer / Consumida naquilo que a nutria / Tudo o que vês, mais forte amor preserve / No amor a quem tu vais deixar em breve" (Shakespeare *apud* Williams, 2015, p. 18). O pesquisador Rexford Stamper, em um exame do romance de John Williams, caracteriza o livro do professor universitário como uma história de "freedom through knowledge", cujo protagonista está preso entre uma força interna e uma externa: "He is trapped by his time – the war, the depression, his Midwest heritage, and he is trapped by his love for literature which makes his life a success despite its limitations" (Stamper, 1974, p. 94).

Em consonância com a visão de Stamper acerca da liberdade proporcionada pelo conhecimento está o exame do escritor Julian Barnes, em resenha para o romance publicada no *The Guardian*, no qual ele exalta o livro por seu caráter de "reader's novel", na medida em que a narrativa reforça o valor da leitura e do estudo. O crítico ainda assinala como *Stoner* possui a qualidade de despertar no leitor memórias sobre as próprias descobertas através da literatura: "Many will be reminded of their own lectoral epiphanies, of those moments when the magic of literature first made some kind of distant sense, first suggested that this might be the best way of understanding life" (Barnes, 2013). Contudo, é preciso lembrar que a epifania de Stoner foi mediada por um professor e sua, aparente, simples pergunta. A esse respeito, a personagem adulta rememora: "Ele soube que Lomax tinha passado por uma espécie de conversão, uma epifania de conhecimento que as palavras conseguem transmitir, mas que não pode ser posta em palavras, como ocorrera com o próprio Stoner, na aula de Archer Sloane" (Williams, 2015, p. 109). Nota-se como o processo vivenciado pela personagem é da ordem do inefável, tal como a busca do "sentido" do soneto shakespeariano, talvez encontrada no fim da vida.

À guisa de conclusão, evidencia-se no processo retratado em *Stoner* a potência que a literatura em sala de aula, mediada pelas perguntas certas do professor, pode alcançar. Essa perspectiva é reforçada à luz da concepção freiriana de *educação libertadora*, e seu caráter essencialmente dialógico, como uma maneira de problematizar e instigar conflitos que sejam transformadores para os estudantes. Paulo Freire e Antonio Faudez, em *Por uma Pedagogia da pergunta* [1985], discutem como o conhecimento começa pela pergunta e como um sistema (cada vez mais) repleto de "respostas prontas" inibe a capacidade de questionar, castrando a curiosidade do educando (Freire, 1985, p. 24). Nesse percurso, cabe a reflexão: enquanto docentes, quais são as perguntas que fazemos? Talvez, a importância delas resida mais no processo – ou na *construção*, em termos freirianos – do que no objeto

CRIAÇÃO E CRÍTICA

final. A pergunta de Sloane, a título de exemplo, abarca múltiplas resoluções. Nessa esteira de leituras, a consideração de Compagnon no arremate de sua lição enfatiza como o caráter aberto e plural da literatura pode reverberar no sujeito e conduzi-lo para uma nova visão de si e do mundo: "O exercício jamais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir" (Compagnon, 2009, p. 72).

Referências

BARNES, Julian. "Stoner: the must-read novel of 2013". In: *The Guardian*, 13 Dec 2013. (Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2013/dec/13/stoner-john-williams-julian-barnes>. Acesso 14/08/2024).

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. / tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*; tradução de Laura Taddei Brandini. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FREIRE, Paulo. *Por uma Pedagogia da Pergunta* / Paulo Freire, Antonio Faundez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LYONS, John O. *The College Novel in America*. Carbondale. Southern Illinois University Press, 1962.

STAMPER, Rexford. "An Introduction to the Major Novels of John Williams". In: *Mississippi Review*, Vol. 3, No. 1, p. 89-98, 1974.

WILLIAMS, Jeffrey J. "The Rise of the Academic Novel". In: *American Literary History*, Fall 2012, Vol. 24, No. 3, An ALH Forum: Writing the Presidency (Fall 2012), pp. 561-589.



criação e crítica

WILLIAMS, John. *Stoner*. New York Review Books Classics, 2006.

WILLIAMS, John. *Stoner*. [tradução Marcos Maffei]. Rio de Janeiro: Rádio Londres, 2015.

Submetido em: 30/09/2024

Aceito em: 02/12/2024

